

# *Sobre a República*

FUNDAÇÃO EDITORA DA UNESP

*Presidente do Conselho Curador*

Mário Sérgio Vasconcelos

*Diretor-Presidente / Publisher*

Jézio Hernani Bomfim Gutierrez

*Superintendente Administrativo e Financeiro*

William de Souza Agostinho

*Conselho Editorial Acadêmico*

Luís Antônio Francisco de Souza

Marcelo dos Santos Pereira

Patrícia Porchat Pereira da Silva Knudsen

Paulo Celso Moura

Ricardo D'Elia Matheus

Sandra Aparecida Ferreira

Tatiana Noronha de Souza

Trajano Sardenberg

Valéria dos Santos Guimarães

*Editores-Adjuntos*

Anderson Nobara

Leandro Rodrigues

CÍCERO

*Sobre a República*



Tradução, apresentação e notas

Isadora Prévide Bernardo



© 2024 Editora Unesp

Título original: *De re publica*

Direitos de publicação reservados à:

Fundação Editora da Unesp (FEU)

Praça da Sé, 108

01001-900 – São Paulo – SP

Tel.: (0xx11) 3242-7171

Fax: (0xx11) 3242-7172

www.editoraunesp.com.br

www.livrariaunesp.com.br

atendimento.editora@unesp.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

Elaborado por Vagner Rodolfo da Silva – CRB-8/9410

---

C568s

Cícero

Sobre a República / Cícero; traduzido por Isadora Prévêde Bernardo. – São Paulo: Editora Unesp, 2024.

Tradução de: *De re publica*

Inclui bibliografia.

ISBN: 978-65-5711-248-9

1. Filosofia. 2. Antiguidade Clássica. 3. Filosofia política. 4. Filosofia romana. 5. Política romana. 6. Política. 7. Pensamento clássico. 8. Filosofia clássica. 9. Roma. 10. Diálogo filosófico. I. Bernardo, Isadora Prévêde. II. Título.

2024-2031

CDD 100

CDU 1

---

Editora afiliada:



Asociación de Editoriales Universitarias  
de América Latina y el Caribe



Associação Brasileira de  
Editoras Universitárias

## *Sumário*

Apresentação .	7
Notas sobre a tradução .	50
<b>Sobre a República .</b>	<b>53</b>
Livro Primeiro .	55
Livro Segundo .	125
Livro Terceiro .	177
Livro Quarto .	227
Livro Quinto .	243
Livro Sexto .	255
Notas .	275
Referências bibliográficas .	305



## Apresentação

A obra *De re publica*, isto é, *Sobre a República*, de Marco Túlio Cícero (106-43 a.C.), foi escrita entre os anos 54 e 51 a.C. Neste tratado, Cícero examina “a melhor *ciuitas* e o melhor concidadão”.<sup>1</sup> Foi uma de suas primeiras obras, escrita depois de *De Oratore* (55 a.C.) e concomitantemente a *De Legibus*.

Nas epístolas de Cícero ao irmão Quinto e ao amigo Ático, têm-se informações da época de composição da obra *Sobre a República*. Essas cartas fornecem referências para o processo de composição de seus livros e para as razões que o levaram a emprender o trabalho e, em muitos casos, a data de publicação, indicações ocasionais sobre sua recepção, além de outras informações, como as formulações e reformulações feitas nos textos.

Cícero começa a escrever *Sobre a República* em maio de 54 a.C., como diz a seu irmão Quinto na epístola *Ad Quintum Fratrem*,

---

1 Cícero, *Ad Quintum Fratrem*, III, V e VI. A tradução utilizada aqui foi publicada em Bernardo, Apresentação à Epístola *Ad Quintum Fratrem*, III, V e VI, de Marco Túlio Cícero.

II, 12, 1: “[em Cumas] escrevia sobre aquela que chamava política, sem dúvida uma obra densa e laboriosa, mas, se suceder como penso, o trabalho será bem aproveitado”. Ao amigo Ático, em julho de 54 a.C. (*Ad Atticum*, IV, XVI, 2-3), fala sobre o plano da obra, as personagens do diálogo, o modelo aristotélico que irá utilizar nos prólogos de todos os livros. Em *Ad Atticum*, IV, XVIII, 2, de outubro de 54 a.C., escreve que já não existe mais a República que dava a ele o sentimento de paz, expressando seu desgosto político. Em *Ad Quintum Fratrem*, III, V e VI, no final de outubro ou no início de novembro de 54 a.C., Cícero disserta novamente sobre a obra e seu descontentamento com a política:

I. Perguntas como andam aqueles livros que comecei a escrever quando eu estava em Cumas. Não os interrompi, nem os interrompo; mas já mudei todo o plano e o método de escrita muitas vezes. De fato, já compus dois livros, os quais se passam no festival novendial – à época do consulado de Tuditano e Aquílio; estabeleci a conversa entre Africano (pouco antes de sua morte), Lélío, Filo, Manílio, Públio Rutílio, Quinto Tuberão e os genros de Lélío: Fânio e Cévola. E a conversa acontece em nove dias e é distribuída em nove livros, que [tratam] da melhor associação de *ciuitas* e do melhor concidadão.

Nesse parágrafo da carta, Cícero expõe de modo conciso todo o contexto em que a obra está inserida, a saber: quem são seus interlocutores (de duas gerações anteriores à dele), a época em que se passa a obra – ano 129 a.C. – e a quantidade de livros que está escrevendo. Temos algumas mudanças em relação à quantidade de livros, que antes eram nove e passaram a

ser seis, e à data fictícia, que deixou de ser nas *nouendiales feriae* e passou a ser nas *feriae latinae*. Continuemos a leitura dessa carta:

Sem dúvida, a obra era tecida de maneira elegante, e a posição dos homens [nela retratados] causava no discurso algo a mais de gravidade. Quando li esses livros para Salústio, em Túsculo, fui advertido por ele que esses assuntos poderiam ser discutidos com muito mais autoridade se eu fosse um dos próprios interlocutores da República, principalmente porque eu não era um Heráclides Pôntico, mas um cônsul, e extremamente versado nos assuntos da República. Aquilo que sei, atribuo aos homens de antigamente, e, ainda assim, [perto deles,] parece-me um mero fingimento. Nesses nossos livros, que eram de retórica, sutilmente havia me retirado do diálogo dos oradores; porém, tendo examinado bem, retornei para os oradores. Do mesmo modo, Aristóteles também possui falas em sua própria obra, quando escreve acerca da República e do eminente varão. 2. Ele me comoveu, e ainda mais, porque não pudera atingir os maiores movimentos de nossa *ciuitas*, porque eram inferiores naqueles tempos em que falavam [...]; e te enviarei aqueles [livros] que começara, se eu for a Roma. Pois penso que tu estás prestes a acreditar que os livros foram deixados de lado, não sem uma grande irritação de minha parte.

Nesse último excerto observamos que assim como Aristóteles introduziu em sua obra trechos em sua própria voz, do mesmo modo Cícero o fará nos exórdios dos livros I, III e V de sua obra. E a conversa ocorrida em cada dois livros corresponde a um dia de diálogo.

Cabe notar que, quando escreveu a obra, Cícero não mais ocupava um cargo público: “Afasto-me, certamente, de todos os cuidados em relação à república e dedico-me às letras”.<sup>2</sup> Esse afastamento lhe é penoso: “Agonizo, meu caro irmão, agonizo por não haver república, por não haver justiça e por minha idade nesta época, quando [minha] autoridade senatorial deveria florescer”.<sup>3</sup>

O tema do afastamento da República e da dedicação às letras é recorrente em muitas de suas obras; mas dedicar-se às letras, quando longe da vida pública, não deixa de ser um trabalho público, ou seja, é o modo mais útil e honesto de servir à República. Certamente poder-se-ia dizer que *Sobre a República* seria uma obra que levasse os leitores a refletir sobre o momento de crise política que estavam vivendo em Roma. Observamos que a ideia da filosofia ligada ao contexto romano perpassa a produção filosófica ciceroniana, pois para Cícero a filosofia parece ser uma forma de ação, e não apenas uma teoria.

Em *Ad Atticum*, V, XII, 2, de julho de 51 a.C., Cícero diz a Ático que seu tratado está concluído, e em 51 a.C., tem-se notícia, por meio da epístola *Ad Familiares*, VIII, I, 4, de que a obra foi publicada. Célio Rufo diz: “Teus livros políticos têm grande importância entre todos”. E, em *Ad Atticum*, VI, I, 8, de 50 a.C., Cícero afirma o seu agrado pelo tratado.

Em sua epístola *Ad Familiares*, IX, II, 5, de 46 a.C., demonstra sua satisfação em ter escrito sua obra sobre política e poder lê-la é um consolo.

\* \* \*

---

2 Cícero, *Ad Quintum Fratrem*, III, V e VI, 3.

3 *Ibid.*

É preciso considerar o contexto em que Cícero e sua produção filosófica estavam inseridos. De acordo com Sabine e Smith,<sup>4</sup> o pensamento político do período entre a morte de Aristóteles e o tempo da atividade literária de Cícero – ou seja, quase todo o período helenístico – foi, ao mesmo tempo, importante e obscuro. Obscuro porque não restaram muitos trabalhos da época. Importante porque nesse período ocorreu uma mudança dos grandes ideais sociais e políticos. A visão política de Platão e Aristóteles está atrelada à *pólis* e sua filosofia política é inteiramente dedicada a ideias e problemas relativos a esse tipo de organização política. Mas a *pólis* deu lugar a grandes impérios e os ideais políticos de comunidades urbanas centralizadas tiveram de ser reconstituídos para adequar-se à ideia de uma comunidade universal, ao mesmo tempo, humana e ampla. Tornou-se necessário aos romanos pensar em um novo modo de agir que se adequasse a novos espaço e tempo políticos. A filosofia estoica em Roma era capaz de refletir sobre as ideias dessa nova configuração política.

Assim, independentemente dos grandiosos sistemas tanto de Platão quanto de Aristóteles, os estoicos encontraram preparado seu território. O “uno” deve ser unificado com os “muitos”; a Natureza deve estar em aliança ofensiva e defensiva com o Homem; os homens, como indivíduos, devem estar alinhados com a Humanidade, o universal. Embora os fatores do estoicismo possam ser encontrados no pensamento grego anterior, os catastróficos eventos seculares exigiram sua reorganização. O Helenismo chegou a ter contrastes e exclusões; a originali-

---

4 Cícero, *On The Commonwealth*, p.7-8.

dade do estoicismo está na sua corajosa tentativa de fornecer inclusões, clamor imperativo dadas as circunstâncias da época.<sup>5</sup>

Segundo Ojea, desde o término das Guerras Púnicas,<sup>6</sup> houve o surgimento de uma nova força: a potência romana estava disposta a expandir-se por todo o entorno do Mediterrâneo. A situação política e social criada pela expansão romana no Mediterrâneo pedia uma base teórica adequada. O estoicismo forjou um sistema dogmático de ideias peculiares, com uma direta dependência de certa estrutura política e social – a do mundo helenístico da época. Se os primeiros estoicos<sup>7</sup> falaram sobre a Cosmópolis, Cícero trouxe a universalidade desta para a república e a expressou por meio das virtudes e da grandeza de Roma. Os pensadores do estoicismo médio estavam dispostos a introduzir e adaptar suas teorias éticas e políticas aos postulados dos governantes e soldados com quem entraram em contato.<sup>8</sup> Foi Panécio de Rodes que, convivendo com a aristocracia romana, principalmente com o Círculo dos Cipiões (ao qual o historiador Políbio também pertencia), adaptou o legado estoico aos interesses sociais dominantes.<sup>9</sup> Desse modo, o estoicismo mostrou-se fértil para a reflexão na República

---

5 Wenley, *Stoicism and its influence*, p.80.

6 Guerras contra Cartago, que aconteceram de 264 a.C. a 146 a.C. Roma vence e passa a ter o domínio do Mediterrâneo.

7 A produção dos filósofos estoicos perpassou séculos. Com isso, a história da escola estoica foi dividida em três fases: Estoicismo Antigo (Zenão, Cleantes e Crisipo), Estoicismo Médio (Panécio, Posidônio) e Estoicismo Imperial (Sêneca, Epicteto e Marco Aurélio).

8 Ojea, *Ideología e historia: el fenómeno estoico en la sociedad antigua*, p.133-4.

9 *Ibid.*, p.135.

romana. Cícero é herdeiro do estoicismo de Panécio e pensa a República romana na perspectiva estoica romana, quando não se tratava mais da *pólis*, nem da Cosmópolis (como para os primeiros estoicos), mas da *res publica*.

Em Roma, Panécio introduziu a ideia da reunião dos concidadãos em uma *ciuitas*, e o cosmopolitismo estoico parece ter cedido espaço para a valorização da pátria e da vida pública. Para Chauí:

Sem afirmar a superioridade da virtude prática sobre a teórica, Panécio deu grande valor à sociabilidade e, por sua relação com Cipião, aderiu ao forte sentimento cívico romano, deixando esmorecer o cosmopolitismo de seus predecessores estoicos. Segundo Bréhier, Panécio viu em Cipião um homem de conduta moral e política admiráveis, e, por sua vez, Cipião nele encontrou um guia moral necessário no momento da ascensão de Roma, com todas as ambições daí decorrentes.<sup>10</sup>

Ainda segundo Ojea, para Panécio apenas o bem moral é o verdadeiro bem para o homem, mas ele considera que as coisas conformes à natureza são valores reais para alcançar o ideal moral. O valor da vida permite a Panécio mostrar a importância da natureza do homem para a realização da moral. Na racionalidade humana há o impulso de conhecer, viver em sociedade e se submeter à ordem do mundo; são todos impulsos naturais e preciosos para a existência ética. Sua articulação constitui as bases da moralidade e o pressuposto da harmonia entre pensamento e ação sob o respaldo da razão — que são a finalidade

---

<sup>10</sup> Chauí, *Introdução à história da filosofia*, vol. 2: *As escolas helenísticas*, p.180.

da vida humana –, e se firmam em uma conduta conforme às disposições naturais de cada homem.<sup>11</sup>

Cícero se formou em um mundo helenizado. Escolheu abarcar da Grécia as letras, a sabedoria, determinadas palavras do vocabulário – mas o traduziu para o latim, pois tinha a seguinte preocupação: “será permitido a você usar, quando quiser, até termos gregos se acaso os latinos não lhe forem suficientes [...]. – Mas procurarei falar em latim, exceto quando usar palavras como filosofia, retórica, física ou dialética, as quais, como muitas outras, o uso já as emprega como latinas”.<sup>12</sup> Para Cícero, traduzir o pensamento grego era um modo de assimilá-lo e, mais do que isso, criar uma tradição de pensamento latina; para isso, primeiramente, era preciso criar um vocabulário. O autor contribuiu para a consolidação da tradição escrita em Roma. Falar e filosofar em língua latina era um modo de consolidar a grandeza de Roma.

Um dos aspectos relevantes da formação filosófica de Cícero é o ecletismo – método que consiste na seleção de uma multiplicidade de teses e opiniões. Ele estudou as três principais escolas do período helenístico e escolheu o que acolher de cada uma. Observamos, em sua obra, uma forte oposição ao epicurismo, posto que, segundo essa doutrina, o sábio deveria abster-se dos assuntos relacionados à política, à vida pública.<sup>13</sup> Ele realizou uma apropriação do modo investigativo da Nova

---

11 Ojea, *Ideología e historia: el fenómeno estoico en la sociedad antigua*, p.140.

12 Cícero, *Academica Posteriora*, VII, 25, in: *De natura deorum. Academica* (a tradução que uso no corpo do texto é minha).

13 “O sábio não abordará os negócios públicos, a não ser em circunstâncias excepcionais”, teria declarado Epicuro em sua obra perdida *Sobre a maneira de viver* (Diógenes Laércio, X, 119, apud Salem, *Tel un dieu parmi les hommes – l'Éthique d'Épicure*, p.141).

Academia, ao buscar a constante investigação das questões e ao balancear seus prós e contras. Da filosofia estoica ele adotou a ética e os assuntos inerentes à *res publica*.

Na obra *Cícero: a study in the origins of republican philosophy*, Radford analisa quais aspectos Cícero decidiu acolher de cada historiador, filósofo ou de cada escola para a sua filosofia política, e aponta quatro elementos estoicos presentes no seu pensamento político, a saber:

[primeiro,] que a meta fundamental da vida é viver de acordo com, ou constantemente com, a natureza. Nossa natureza é parte do universo natural, que é racional ou compreensível pela reta razão. A razão pode determinar a lei à qual nossa natureza pode ser conforme. [...] [Segundo,] somos naturalmente feitos para viver em comunidades. A justiça, como a lei e a razão, é um assunto da natureza, não uma convenção. [...] [Terceiro,] temos que pensar em todo o universo como uma única entidade política. A mesma natureza está em todos os seres humanos, a mesma razão, a mesma divindade vai relacionar todos nós, e a mesma lei natural é relevante para todos nós. [...] [Quarto,] os homens sábios devem ser engajados na vida ativa, na política, e devem ser homens políticos.<sup>14</sup>

No entanto, Cícero não abarcou esta filosofia como um todo, uma vez que escolheu o que queria acolher. Introduziu a

---

<sup>14</sup> Radford, *Cícero: a study in the origins of republican philosophy*, p.21. O autor retirou tais afirmações das seguintes obras de Cícero: *De Finibus*, III, 20, IV, 25-26; *De Legibus*, I, 36, *De Finibus*, III, 62, *De Officiis*, I, 12-13; *De Finibus*, III, 62, IV, 5; *De Officiis*, II, 73.

valorização da vida ativa feita por Panécio e, em *Sobre a República*, trouxe elementos de matriz estoica para fundamentar seu pensamento político.

A obra *Sobre a República* representa um modo de integrar a filosofia com uma particular concepção de *res publica* romana, uma concepção filosófica e historicamente fundada, e tem como premissa a noção de que a constituição de Roma se deu pelo desenvolvimento virtuoso. Desde o princípio temos de compreender que há um pano de fundo da concepção estoica de natureza que perpassa a obra. Para o estoicismo, a natureza é uma razão ordenadora que permite tanto o vínculo de linguagem e a percepção temporal como a *oikeiós* (sentimento de cuidado) – e, por conseguinte, o vínculo político entre os homens. Os homens são conduzidos por essa razão ordenadora a viver em uma república, e dessa forma reunir-se em uma comunidade é uma manifestação da sociabilidade natural dos homens. Primeiramente, Cícero aponta o princípio natural da república (a inclinação natural dos homens para se unirem); em seguida, expõe o lugar do princípio natural da república na história, narrando feitos memoráveis que demonstram que a república se desenvolveu pelo acúmulo da experiência de condescendências de muitas gerações.

\* \* \*

No exórdio do Livro I de *Sobre a República*, Cícero se serve de um recurso retórico em que afasta temporalmente a data dramática da obra do momento em que ela foi escrita. Parece-nos que a contextualização desta no passado tem a função de mostrar aos contemporâneos como eles estavam vivendo em

um momento de declínio, e a solução para Roma retomar a sua grandeza seria recuperar as ações virtuosas, portanto, exemplares do passado.

Cícero se coloca como filósofo e uma testemunha,<sup>15</sup> um narrador historiador. Fox aponta que “Cícero está explorando a ideia de dar ao diálogo um status histórico confiável e o potencial dinâmico de remover sua própria voz de autor do diálogo”.<sup>16</sup> No entanto, ele constrói uma cena em que ouve a discussão – a conversa – e a narra a outrem na obra. As múltiplas figuras de narradores testemunhas trazem um aspecto ainda mais testemunhal: quem viu e ouviu, e posteriormente transmitiu a outrem. O recurso aos exemplos históricos ao longo da obra tem relevância não apenas como instrumento retórico, mas também como assunto que passa a ser incorporado ao conteúdo filosófico. Ademais, tais exemplos garantem a coesão da argumentação, a sustentação por meio da comprovação com as provas históricas. Ao colocar as discussões no passado, Cícero faz com que a autoridade dos interlocutores seja trazida à obra.

A data dramática de *Sobre a República* é o ano de 129 a.C., pouco antes da morte de Cipião, principal interlocutor da obra. Vejamos o exórdio do livro I, em que temos notícia de que foi uma conversa contada a Cícero da seguinte forma:

---

15 Hartog, ao explicar o significado da palavra *histoiê*, analisa: “Palavra abstrata, formada sobre o verbo *historein*, investigar, história derivou de *histôr*, termo ligado a *idein*, ver, e a (*w*) *oida*, eu sei. O *histôr* seria a ‘testemunha’, ‘aquele que sabe por ter visto ou sido informado’”. Cf. Hartog, *A fábrica da História: do “acontecimento” à escrita da História* – as primeiras escolhas gregas, p.7.

16 Fox, *Cicero's Philosophy of History*, p.89.

E, na verdade, o argumento que vou expor não é novo nem instituído por nós, mas devo rememorar a discussão de uma única geração de varões ilustríssimos e sapientíssimos de nossa *ciuitas*, que foi a mim e a ti exposta por Públio Rutílio Rufo, que era adolescente, quando estivemos com ele, por muitos dias, em Esmirna. Penso que nada foi preterido do que era pertinente sobre a maior das obras, sobre todas essas coisas.<sup>17</sup>

Compreendemos, que, de certa forma, Cícero assume a figura do *hístor* como “aquele que sabe por ter sido informado”,<sup>18</sup> mesmo não se servindo da expressão e ainda raramente utilizando a palavra “história” ao longo da obra. Ao afirmar que vai “rememorar a discussão” que foi exposta a ele e a seu irmão por Rutílio Rufo, elabora uma dupla figura de narradores – Rutílio e ele – que busca na memória aquilo que vai transmitir. Se temos dois narradores, logo, temos uma tripla distância em relação ao acontecido e três tempos distintos, a saber: o do acontecimento; o da narração de Rutílio a Cícero; e o da narração de Cícero. Esses três tempos representam, respectivamente, o tempo em que se desenrola o diálogo, o tempo em que o diálogo foi contado a Cícero e o que Cícero está escrevendo. Além disso, nós vemos as ações narradas filtradas por dois ângulos, o de Cícero e o de Rutílio; narrar é uma capacidade de transmitir experiências, e a fonte dessa obra é a conversa transmitida de pessoa para pessoa. A figura de Cícero como narrador é de um homem que é cioso dos costumes romanos, da filosofia e da vida públi-

---

17 Cícero, *De re publica*, I, 13.

18 Hartog, *A fábrica da História: do “acontecimento” à escrita da História – as primeiras escolhas gregas*, p.7.

ca, está apto a governar em um momento de crise e conhece as narrativas históricas de Roma. Essa dupla figura de narradores, sendo um deles uma testemunha ocular, fortalece ainda mais o estatuto historiográfico que há na obra, reforçando que, para falar sobre a melhor *ciuitas* e o melhor concidadão, não basta construir uma obra ao mesmo tempo reflexiva e voltada para a ação; o texto não deve apenas trazer argumentos filosóficos, mas devemos nos servir da utilidade dos exemplos e argumentos históricos. Ademais, ao longo do diálogo, pode-se observar o posicionamento político de Cícero por meio das falas de Lélí e Cipião em defesa da república. Ao rememorar a conversa entre Cipião e seus amigos, o autor elabora conceitos políticos ao longo do curso dos acontecimentos em Roma. Assim, o constante resgate da história, seja pela ambientação, seja pelos exemplos citados, faz com que percebamos uma maior distância temporal de Cícero em relação à data do diálogo. Esse recurso ajuda a dar o efeito de uma conversa que ocorreu com varões de duas gerações anteriores à de Cícero, e isso garante a verossimilhança ao texto ao mesmo tempo que todos os exemplos históricos constitutivos da obra possuem mais força e qualidade, mostrando a grandiosidade do passado e dos costumes. O narrador figura entre os sábios e sabe aconselhar, pois pode recorrer ao que está guardado em sua memória – e o que está guardado é tanto o que ele próprio viveu e aprendeu quanto o que lhe foi contado (as experiências de outros varões eminentes).

Também no exórdio do livro, I, Cícero constrói a figura do homem sábio-político por meio de dois argumentos centrais: o amor pátrio e o combate aos que julgam que a sabedoria é incompatível com a vida pública. Os varões que lutaram pela salvação da pátria são dignos de admiração, pois colocaram os

interesses públicos em primeiro lugar; são os que antepõem o amor à pátria em detrimento do próprio. O amor à pátria é um sentimento de reconhecimento, na medida em que devemos a ela tudo o que temos; ele deve ser incondicional. Cícero faz objeções àqueles que se opõem à atividade política e mostra a necessidade de os bons concidadãos protegerem os outros concidadãos. Eles precisam estar preparados a qualquer momento quando a república necessitar. O concidadão virtuoso deve dedicar-se ativamente à política, deve ter qualidades morais que o habilitem à ação política. Um sábio-político é aquele que é educado nas artes liberais e nos costumes romanos, como o exemplo de Catão em *Sobre a República*, I, I, que possui “ação e virtude”.

Nosso autor escreve contra os epicuristas – chamados de “opositores” ou “vulgo” –, e, para sustentar sua argumentação, emprega a doutrina estoica e os exemplos de homens (Catão, Cipião) que agem de acordo com preceitos estoicos e que lutaram pela pátria. Enfatiza-se a necessidade de praticar a virtude, ou seja, de usá-la na vida pública em benefício do povo. O que os filósofos dizem de reto e honesto é confirmado pelos que fazem as leis para a *ciuitas*. Para Cícero, o sábio é o que ensina as virtudes como justiça, confiança, equidade, pudor, continência, honra, honestidade, fortitude, religião e direito das gentes por meio do exemplo.<sup>19</sup> Algumas dessas virtudes são confirmadas pelos costumes, ao passo que outras são sancionadas pelas leis. O concidadão sábio é aquele que defende os interesses públicos, ou seja, é um homem sábio e político. É dever do concidadão sábio e político engrandecer as obras do gênero humano por meio de seu discernimento e trabalho,

---

19 Cf. Cícero, *De re publica*, I, 2.